

**DOSSIÊ 2 - Epistemologias  
somáticas na pesquisa artística**

**CORPORALIZAR A PESQUISA ACADÊMICA: EPISTEMOLOGIAS  
SOMÁTICAS COMO UM CAMINHO DE COMPOSIÇÃO E  
COMPREENSÃO DA ESCRITA NA DANÇA**

**EMBODYING THE ACADEMIC RESEARCH: SOMATIC EPISTEMOLOGIES  
AS A WAY TO COMPOSE AND COMPREHEND WRITING IN DANCE**

Claudia Marques Auharek<sup>1</sup>  
Oneide Alessandro Silva dos Santos<sup>2</sup>

1. Doutoranda em Dança  
Universidade Federal da Bahia  
E-mail: claudiaauharek@gmail.com  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5225168785452307>  
ORCID: 0009-0003-5907-0425

2. Doutorando em Dança  
Universidade Federal da Bahia  
E-mail: oneidealessandro@hotmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4477459088768443>  
ORCID: 0000-0003-0319-3269

**RESUMO:** O texto propõe uma contextualização sobre o tema da Prática como Pesquisa (PaR) e da Pesquisa Somático-Performativa (Fernandes *et al.*, 2022; Fernandes, 2019; Pizarro, 2020) e vincula esses temas às experiências vividas no componente curricular Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, ministrada pelo professor doutor Diego Pizarro no PPGAC/UFBA. A partir disso, refletimos sobre a Somática como um caminho possível de composição e compreensão da nossa escrita e pesquisa acadêmica, principalmente no campo da Dança. Na escrita, descrevemos o conceito de PaR, que articula prática artística e reflexão teórica, e defendemos a Somática como uma abordagem que valoriza a experiência subjetiva e corporal na produção de conhecimento. Com isso, relatamos em primeira pessoa as experiências de cada pessoa pesquisadora autora com o laboratório vivenciado no componente, onde tivemos a oportunidade de visualizar os caminhos da Somática e a Prática como Pesquisa, como horizonte metodológico e investigativo. A aproximação entre Dança, Somática e Prática como Pesquisa, enfatizadas na disciplina e nos encontros presenciais, nos permitiu articular a bibliografia e vivências de uma forma interdisciplinar, integrada e movediça. Os lugares a que chegamos, corporalizando aspectos de nossas pesquisas, nos ofereceram compreensão, sensação de integração, coerência e nutrição, fortalecendo nossas escritas e buscas metodológicas. Por fim, argumentamos que a incorporação da Somática nas metodologias acadêmicas não só enriquece a pesquisa, como também desafia e expande os paradigmas tradicionais de produção de conhecimento, promovendo uma integração mais profunda entre corpo, prática e teoria.

**Palavras-chave:** Somática; Dança; Prática como pesquisa; Pesquisa Somático-Performativa.

**ABSTRACT:** The text proposes a contextualization on the theme of Practice as Research (PaR) and Somatic-Performative Research (Fernandes *et al.*, 2022; Fernandes, 2019; Pizarro, 2020) and links these themes to the experiences lived in the curricular component Somatic Epistemologies in Artistic Research, taught by doctoral professor Diego Pizarro at PPGAC/UFBA. Based on this, we reflect on Somatics as a possible way of composing and understanding our academic writing and research, especially in the field of Dance. In our writing, we describe the concept of PaR, which articulates artistic practice and theoretical reflection, and we defend Somatics as an approach that values subjective and bodily experience in the production of knowledge. With this, we give a first-person account of the experiences of each researcher-author with the laboratory experienced in the component, where we had the opportunity to visualize the paths of Somatics and Practice as Research, as a methodological and investigative horizon. The rapprochement between Dance, Somatics and Practice as Research, emphasized in the course and in the face-to-face meetings, allowed us to articulate the bibliography and experiences in an interdisciplinary, integrated and shifting way. The places we reached by embodying aspects of our research offered us understanding, a sense of integration, coherence and nourishment, which strengthened our writing and methodological searches. Finally, we argue that the incorporation of Somatics into methodologies.

**Keywords:** Somatics; Dance; Practice as Research; Somatic-Performative Research.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza um recorte das referências (Fernandes *et al.*, 2022; Fernandes, 2019; Pizarro, 2020) propostas no componente curricular Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, articulando-o com o laboratório presencial oferecido pelo professor doutor Diego Pizarro, o qual foi parte integrante das atividades da disciplina. Com esse intuito, faremos uma contextualização sobre o tema da Prática como Pesquisa (PaR) e da Pesquisa Somático-Performativa, e vincularemos esses temas com nossas experiências no componente, com o objetivo de refletir sobre a Somática como um caminho de composição e compreensão da nossa escrita e pesquisa acadêmica vinculadas ao universo da Dança.

Nas últimas décadas, estabeleceu-se no campo artístico uma discussão importante sobre os fazeres/práticas artísticas e acadêmicas em relação às suas possibilidades de encontros e cruzamentos epistemológicos. Nessa discussão, a PaR (*Practice as Research*), traduzida como Prática como Pesquisa, ganha relevância ao propor que a prática seja adotada como um eixo metodológico estruturante da pesquisa (Fernandes *et al.*, 2022). Esse termo surge no contexto anglo-saxão no final da década de 1990 para se referir e dar suporte conceitual e metodológico para pesquisas que incluíam necessariamente experimentação prática e artística. A PaR é um tipo de investigação norteada por uma prática que acontece com e através dela. Concomitante a isso, é associada a uma reflexão conceitual a fim de gerar um produto final reflexivo acadêmico (como dissertações, artigos, livros). Consiste, portanto, em um conhecimento gerado por meio de uma prática, sendo legitimada dessa forma como um caminho metodológico validado e reconhecido por agências de fomento de pesquisas nacionais e internacionais.

Ainda assim, é possível e necessário problematizar a variedade de formas pelas quais a prática pode estar presente na pesquisa, já que ela pode ser um eixo metodológico estruturante (como no caso da PaR) ou ela pode, por exemplo, ser apenas articulada como um dado ou como uma referência da pesquisa (Fernandes *et al.*, 2022). Mas mesmo quando estamos falando especificamente da PaR, é importante entender que ela é utilizada como um guarda-chuva metodológico no qual existem diversas abordagens possíveis:

PaR é uma terminologia que engloba vários tipos de pesquisa, a exemplo da Pesquisa baseada na Prática, Pesquisa guiada pela Prática, Pesquisa Performativa, Prática Artística como Pesquisa, Pesquisa Corporalizada, Somática como Pesquisa, Imersão como Pesquisa, Pesquisa Somático-Performativa, dentre outras (Fernandes *et al.*, 2022, p. 217).

Fernandes *et al.* (2022) trazem também uma discussão sobre a PaR ser conceituada como um desdobramento de pesquisas pós-positivistas, o que poderia ser questionado, uma vez que

essas não necessariamente propõem uma prática artística, ou uma prática artística corporalizada, como eixo metodológico estruturador da pesquisa. Nesse sentido, esses autores fazem justamente uma análise sobre o que é a PaR, da qual ressaltamos alguns aspectos a seguir. Primeiramente, uma prática artística não se configura, necessariamente, como uma pesquisa acadêmica no guarda-chuva da PaR. Da mesma forma, uma pesquisa acadêmica que tenha uma parte prática não se configura necessariamente como PaR. Na PaR, a prática deve ser um agente produtor de conhecimento a ser articulado nos discursos e produtos finais acadêmicos produzidos. Nesse sentido, não precisa incluir em seu produto final necessariamente uma encenação, criação de obra ou produto artístico, uma vez que a prática e o processo criativo podem estar integrados como *modus operandi* da pesquisa.

Nessa discussão, é importante também situar a Somática como pesquisa entre uma possibilidade de PaR (Fernandes, 2019). Se hoje podemos compreender a Somática como uma abordagem amplamente aceita como conteúdo de aulas ou como recurso para criação artística, existe ainda uma resistência para o entendimento da Somática como modo de pesquisa:

Enquanto conteúdo de aulas conteúdo a ser praticado e ensinado nas aulas, ou até mesmo em criações artísticas (o que também tem alguma resistência), a somática vem sendo aceita. Porém, como pesquisa, há ainda grande resistência e desconfiança, e vários são os autores que, sem o devido conhecimento e, principalmente, experiência vivida, criticam a somática como modo de pesquisa (Fernandes, 2019, p. 122).

Para entender essa resistência, é importante compreendermos que a Somática toca em aspectos epistemológicos fundantes do cientificismo, os quais propõem que devemos nos distanciar do objeto de pesquisa para poder analisá-lo. Na Somática, borra-se a fronteira entre dentro e fora, entre sujeito e objeto, e isso toca em desafios e dualidades que, de algum modo, tensionam o *status* científico desse tipo de abordagem.

## LABORATÓRIOS VIVENCIAIS

Nesse trabalho, portanto, abordaremos a possibilidade de modos corporalizados para guiarem processos da PaR em Dança, tal qual proposto pelo professor Diego Pizarro em nossos encontros presenciais para o referido componente curricular. Importante ressaltar que a noção de laboratório como metodologia para pesquisa em artes cênicas é uma prática amplamente utilizada em investigações no campo das artes cênicas (Scialom, 2021). É uma proposição que favorece aspectos experimentais e criativos, ao mesmo tempo, em que aponta para meios de produção de conhecimento os quais, como práticas epistêmicas e acadêmicas, necessitam de rigor para sistematização e avaliação daquilo que foi investigado. Nesse sentido, fomos inicialmente

guiados a partir de processos de corporalização para identificarmos elementos-eixo da nossa pesquisa e integrarmos isso a processos de movimento, composição e reflexão sobre nossos processos pessoais como pesquisadores. Exercitamos, nesse componente, como corporalizar nossa pesquisa e, a partir disso, desbravar caminhos em diversos âmbitos que nos permitiram compreender de forma mais profunda nossas proposições e relações com a pesquisa.

Esse processo está em total consonância com a proposta de abordar a pesquisa acadêmica discutindo epistemologia através da Somática e de propostas de corporalização. Já que “a Somática se dá ao luxo de viver na primeira pessoa como expressão genuína de seus dados. Nesse sentido, primeiramente, não se busca validade fora da experiência singular” (Pizarro, 2020, p. 206). Desse modo, ao longo do processo, fomos incentivados por meio de procedimentos somáticos (como desenhos, mapeamentos gráficos e afetivos, reflexões subjetivas, trabalhos com anatomia experiencial, utilização de movimentos livres, perguntas e orientações do professor, etc.) a problematizar nossa pesquisa e nossa relação singular com ela. Compreendendo que o papel do pesquisador somático-performativo não está distanciado da sua pesquisa, mas co-implicado, fazendo parte dela de modos subjetivos, transdisciplinares, criativos, relacionais e experienciais.

O somático-performativo – não decorre da busca por inventar um novo paradigma ou modelo a ser seguido. Muito pelo contrário, surge de uma necessidade real de diluir fronteiras entre campos artificialmente separados que atrapalham o fluxo da vida, da arte e da pesquisa (Fernandes, 2014, p. 82).

O principal procedimento realizado em aula consistiu no **Mapa Somático** proposto por Diego Pizarro já no primeiro encontro presencial, onde utilizamos um papel extenso, giz e canetas para desenhar formas corporais de nossos corpos, de modo individual. A partir disso, fomos provocados e instigados a responder, problematizar e refletir com algumas perguntas-eixos da proposta de trabalho: O que você está precisando? Qual é o meu processo metodológico de pesquisa? Quais oportunidades eu vou me dar para chegar ao meu processo? O que é/onde está o eixo da sua pesquisa? Quais são as afinidades para o presente pesquisar? Quais são as intuições para a pesquisa? Onde procurar as respostas/perguntas? Qual é o sistema que guia sua pesquisa? Qual sistema ancora a sua pesquisa? O que escorre, espirra, não tem forma e é multidirecional na sua pesquisa? Onde colocar atenção e intenção na pesquisa? Onde/como a minha pesquisa cresce/se multiplica? Qual o grau/nível de desenvolvimento da minha pesquisa hoje? Se a pesquisa fosse um ser/bicho, que forma ela teria? Quando invisto na minha pesquisa, o que é corpo da frente, corpo de trás e corpo do meio?

Essa proposta trouxe ressonâncias que se relacionam com alguns trechos do artigo de Fernandes *et al.*, o qual destacamos e analisamos alguns pontos:

A PaR em Dança, articulada com a Somática, dá-se através de modos co- moventes, isto é, movendo e sendo movido com e pela(s) pesquisa(s), de modo interdependente e integrado em todos os níveis (físico, mental, afetivo, espiritual, social, cultural, político, ambiental, ancestral etc.) (Fernandes *et al.*, 2022, p. 219).

Esse processo que vivenciamos nos trouxe a possibilidade de movermos e sermos movidos pela pesquisa, pois estávamos o tempo todo nos conectando com a pesquisa em diversos níveis (físico, mental, afetivo, espiritual, político, etc.). Essa forma abrangente e interdependente de encarar e vivenciar o processo de pesquisa faz com que ela não se separe de processos subjetivos e que nos transforme. Essa transformação é de mão dupla, a pesquisa é transformada e nos transforma. Essa co-movência não é considerada nociva para a pesquisa, tal como em paradigmas cientificistas (que defendem o distanciamento total entre sujeito e objeto de pesquisa) poderia ser considerada. Nesse caso, esse ponto é o que justamente nos permite avançar e estruturar nossa pesquisa através/com da prática – e através/com da Somática.

Isso nos leva a compreender a Somática “como um campo transdisciplinar de ecologia profunda na primeira pessoa do plural, movendo dimensões indisciplinadas” (Pizarro, 2020, p. 36). Com isso, permite construir sabedorias e *práxis* inovadoras dentro da academia e de pesquisas em nível de pós-graduação, uma vez que ainda dentro do campo das Artes existem regimes fechados sobre o que pode ser pesquisa artística ou pesquisa em arte. Compreendemos que a Somática, como proposta emancipatória e transdisciplinar, caminha em busca de novas formas de produzir e entender o conhecimento, dentro e fora da universidade.

Por isso, acreditamos que esse trabalho gera confluências de saberes e uma ruptura com o discurso dicotômico sobre razão-emoção, corpo-mente, prática-teoria trazido por Bispo dos Santos:

[...], a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece (Santos, 2023, p. 4).

A partir disso, compreendemos que construir nossas pesquisas na universidade, pautados na Prática como Pesquisa ou na Somática, compõe-se de processos confluentes e de compartilhamento com os outros e o mundo. Não se trata apenas de produzir pesquisa, mas de elaborar e criar pesquisas que estão

ligadas à vida e às experiências singulares de estar no mundo em relação. E, por isso, há uma importância de caráter decolonial ou contracolonial nesse tipo de proposta, a qual gostaríamos de destacar:

A incorporação da Somática e da prática nas metodologias das pesquisas em Dança é um processo decolonial de reverberação em campo expandido, contribuindo de modo fundamental para a mudança dos paradigmas normativos e hegemônicos vigentes (racionalista, antropocêntrico, individualista, capacitista etc.), construindo caminhos afetivos corporalizados de reconhecimento, valorização e visibilização de saberes coletivos plurais; (Fernandes *et al.*, 2022, p. 219 e 220).

Quando é proposta a utilização de um paradigma epistemológico crítico ao cientificismo e aos modos hegemônicos do fazer científico, e quando essa proposta é feita de forma a respeitar o rigor científico que a academia legítima, valendo-se inclusive do reconhecimento de agências financiadoras e fomentadoras de pesquisa, temos então uma ruptura, uma brecha para novas formas políticas, sociais e emancipatórias de nos organizarmos enquanto sociedade. Esse novo paradigma dá espaço também para fazeres e saberes que fogem da matriz racionalista e antropocêntrica que molda nossa sociedade, ou seja, “não se trata de um pensamento binário, mas de um pensamento fronteiro” (Bispo dos Santos, 2023, p. 17).

## EXPERIÊNCIA DE AUTORA 1

Minha pesquisa de doutorado aborda o ensino da anatomia no campo da dança, problematizando a importância e valorização da experiência no processo de aprendizagem e de criação artística. Tenho como objetivo principal abordar o ensino da anatomia através de paradigmas experienciais (corporalizados) e suas estratégias de valorização da experiência, alteridade e complexidade. Apesar de ser um tema que dialoga com a noção de *embodiment*, a experiência de corporalizar minha própria pesquisa por meio do componente oferecido por Diego Pizarro foi algo totalmente novo para mim como pesquisadora. O grande diferencial foi o enfoque metodológico dado à corporalização da minha pesquisa. Ao invés de buscar caminhos metodológicos que são externos à minha subjetividade, minha própria corporeidade passou a ser entendida e validada como um meio em que pensamentos e processos investigativos se desenvolvem. Isso significa que tudo aquilo que faz parte da minha corporeidade foi considerado um elemento fomentador e determinante da minha pesquisa (Spatz, 2015).

De toda a experiência vivenciada nos laboratórios, destacam-se para mim as corporalizações e conduções relacionadas ao sistema de fluidos corporais do qual Diego enfatizou, em uma das experimentações, o fluido sinovial. Podemos considerar o

sistema dos fluidos em sua dimensão de unidade e totalidade, uma vez que, apesar de termos diferentes fluidos no corpo, com suas consistências, ritmos, natureza química e caminhos específicos, há uma ideia de totalidade fluídica (Bainbridge Cohen, 2015). Mas, ao pensarmos em termos de especificidade, para o *Body-Mind Centering*<sup>SM</sup> (BMC<sup>SM</sup>), é possível que tenhamos mais ou menos afinidade para acessar um ou outro fluido. Dessa forma, há a possibilidade de iniciar um movimento ou atividade a partir de um fluido para liberar seu fluxo natural de qualquer inibição ou bloqueio que possa estar presente.

Na aula, experimentamos o fluido sinovial e, a partir desse contato, pude ter *insights* sobre minha pesquisa acadêmica. Através de um trabalho de duplas, fizemos contato com sua presença, substância, peso, direção, espacialidade, sensações e emoções:

O fluido sinovial (fluido articular) é a força lubrificante das articulações e oferece um fluxo livre e sem estrutura pelo corpo. As qualidades características do fluido sinovial são solto, elástico, agitado, fluindo livremente, desobstrutivo, ricocheteando, tranquilo, relaxado (Bainbridge Cohen, 2015, p. 147).

Durante os processos de corporalização, percebi que em minha pesquisa havia um importante tema sobre estrutura *versus* flexibilidade. Minha sensação é que o excesso de movimento e flexibilidade, tal qual o fluido sinovial me trouxe, forneceu uma sensação de falta de suporte, o qual busquei compensar com um excesso de rigidez e de engessamento estrutural. Essa experiência refletiu para mim uma relação com os caminhos metodológicos e desenhos de pesquisa que eu estava criando. É como se minha pesquisa precisasse encontrar formas de fluência, precisasse combinar e contrabalancear fluidos de formas mais equilibradas, sem extremos que pudessem enrijecer e dificultar movimentos. Esse tema, antes da prática com o fluido sinovial, já vinha aparecendo, porém, de forma ainda pouco compreensível para mim.

Junto a isso, durante as corporalizações, ao final de tantas explorações e caminhos percorridos, entendi como em minha pesquisa seria importante uma dimensão de permissividade, de autoinclusão. Esse tema apareceu para mim muitas vezes durante a condução das vivências propostas por Diego. Foi importante estar em um ambiente profundamente acolhedor e permissivo em relação ao tempo, ao descanso e à subjetividade.

Nesse sentido, destaco a importância da valorização da pausa na perspectiva da Somática. Em diversos momentos dos encontros presenciais, foi justamente o momento da pausa prolongada, e do que Fernandes *et al.*, (2022) se referem como **descanso**, que tive a possibilidade de ter compreensões mais profundas sobre mim e sobre minha pesquisa:

Somos feitos de sabedoria somática, nesse sentido, todos os sistemas, métodos e técnicas que consideram esse tipo de



abordagem promovem de fato a abertura de canais para que o potencial humano se manifeste em toda sua amplitude. Inclusive o potencial para a exaustão ou o descanso profundo. Além disso, o descanso ‘controlado’ é uma ferramenta somática presente em diferentes abordagens e amplamente utilizado nas práticas. Com a função de possibilitar uma autorregulação corporal, ela também motiva uma reação à compulsão contemporânea ocidental pela lógica capitalista do excesso, cujas esquizofrenias desenfreadas pelo aumento da quantificação produtivista também são encontradas na Dança (Fernandes *et al.*, 2022, p. 201).

**Figura 1** – Mapa Somático da Autora 1.



**Fonte:** Acervo pessoal.

## EXPERIÊNCIA DO AUTOR 2

Iniciar esse processo de investigação na disciplina me levou a compreender algumas dimensões da Somática como prática de pesquisa e como metodologia estruturante numa *práxis* corporalizada do sujeito-artesão-pesquisador co-implicado na sua pesquisa. Atualmente, minha pesquisa de tese fala sobre “As relações entre práticas de criação e aprendizagem inventiva na formação de licenciandos em dança”. A formação inventiva se elabora na aproximação da aprendizagem inventiva e com a ação de pensar uma outra política de cognição na formação, apartada da ideia de que conhecer é representar um mundo preexistente. Por outra via, reconhece-se que conhecer é agir, praticar, é uma ação no mundo. E isso pode ser inventado de muitas formas:

A aposta de uma formação inventiva é fazer com o outro, e formar é criar outros modos de viver-trabalhar, aprender, de-

saprender e não apenas instrumentalizar o outro com novas tecnologias ou ainda, dar consciência crítica ao outro. Uma formação inventiva é exercício da potência de criação que constitui o vivo, é invenção de si e do mundo, de forja nas redes de saberes e fazeres produzidas histórica e coletivamente. (DIAS, 2012, p. 36).

E isso se coaduna com os caminhos que percorremos nessas práticas, uma delas é chegar nesse espaço da universidade e mover nossas pesquisas por meio/com a prática. Assim, torna-se fundamental compreender como nosso ser, em sua totalidade, chega ao espaço da prática e como ele dialoga, recebe e compartilha com as proposições trazidas. Durante o ano de 2023, ao iniciar o doutorado em dança na escola de dança da UFBA, vinha com uma rotina de compreender a pesquisa em arte, ligada a leituras de textos e artigos, seminários teóricos e debates verbais, pouco ou quase, nenhum espaço experiencial corporalizado era dado ou possibilitado. Tornava-se cada vez mais um espaço tradicional e fechado para pensar pesquisas em arte que estão muitas vezes propondo processos transgressores de práticas e pensamentos, mas que na efetivação ainda é conservador. A disciplina me moveu a rever isso, inversamente, colocando os desejos e saberes do corpo como conteúdo para ser investigado na *práxis* e compreendendo a Somática como uma *práxis* e modo de vida.

Considero que isso gera espaços de confluência, defendido por Bispo dos Santos (2023) como espaço de abertura, possibilidade e experimentação para gerar novas formas de pesquisar e inventar propostas que possam ser compartilhadas por sabedorias engajadas em criar existências e epistemologias transgressoras. Incluindo aquelas contra os sistemas coloniais, capitalistas e de modelos científicos.

Nesse sentido, o que me moveu com o **Mapa Somático** foi poder elaborar o trabalho a partir do corpo e do conhecimento corporalizado, fazendo perguntas com o corpo, elaborando movimentos e dando espaço para novas investigações que foram tomando forma no corpo e sintetizadas no mapa. E, principalmente, movendo a pesquisa de doutorado em outra perspectiva, a do corpo e de suas corporalizações.

As epistemologias somáticas são justamente este lugar do saber corporalizado emergindo das respostas e perguntas corporais. As reflexões sobre/com tais saberes subjetivos promovem *corpus* de conhecimento prático-teórico que favorecem a consolidação de novos campos de estudos e práticas (Pizarro, 2020, p. 28).

Na minha experiência em primeira pessoa, isso leva a gerar novos modos de saber e aprendizagem, permitindo que: a) possamos experienciar a sensibilidade; b) pesquisar movidos pela atenção e desejo de pertencimento; c) descobrir caminhos de pesquisa co-implicados com a experiência enativa do sujeito, em primeira pessoa, relacionando-se com os outros e o mundo.

Ou seja, o sujeito não aprende isolado do mundo, mas em relação – em ação com o mundo. “*En acción*”, em enação com os outros. Segundo Campos (2020, p. 68):

O termo “Enação” vem da expressão espanhola en acción (em ação). Esse conceito tem influenciado muitas áreas do conhecimento. Acredito que esse modo de perceber o processo de coemergência corpo e ambiente traz a concepção da construção de uma corporeidade importante de ser profundamente compreendida e assimilada na formação em dança. No entanto, essa visão enativa da construção de uma corporeidade e do movimento depende de práticas concretas para se instituir como um modo de conhecimento.

O sujeito dá sentido ao seu mundo por meio de ações e percepções incorporadas; que se tornam implícitas a partir do momento no qual o sistema enativo se relaciona com o mundo e o contexto em que este se encontra. Ou seja, o sujeito encontra-se sempre situado cognitivo-corporalmente em um certo contexto vivido, que pode então ser significado experiencialmente. (Varela, Thompson, Rosch, 2017, p. 6).

Além disso, d) permite confluir com outras sabedorias, num espaço fronteiro e transdisciplinar, na busca de transgredir e radicalizar o que fazemos em arte; e) propõe mudanças sobre o que entendemos e fazemos de pesquisa em arte na universidade e fora dela. Isso permite confluir de muitos modos com o andamento de minha tese de doutorado, principalmente no reconhecimento das práticas somáticas e da prática como pesquisa, como caminhos possíveis para a experiência, a formação e aprendizagem inventiva.

A seguir, duas imagens, do mapa somático e registros das ações realizadas.



Fonte: Acervo pessoal.

## CONSIDERAÇÕES

A aproximação entre Dança, Somática e Prática como Pesquisa, enfatizadas na disciplina e nos encontros presenciais, nos permitiu articular a bibliografia e vivências de uma forma entrelaçada e repleta de saberes. Conforme Ciane Fernandes,

Mesmo com um ou mais enfoques específicos, é importante manter a noção do todo integrado e dinâmico a partir da experiência vivida, pois a pesquisa guiada pelo movimento é igualmente múltipla, simultânea, diversa e imprevisível. Pouco a pouco, os textos surgem como ondas pulsionais próprias, em conexão com o movimento dos processos vivos onde se inserem, ricos em variações, nuances e surpresas. Perceber, reverenciar e dançar com essas particularidades é fazer Somática como Pesquisa. (Fernandes, 2019, p. 133).

Assumir a Somática e a Prática como Pesquisa como caminho metodológico e investigativo requer também levar em conta as muitas complexidades de uma pesquisa viva, já que esta abarca as precariedades da experiência, existência e subjetividade como eixos centrais de pesquisa e reflexão. Vivemos atualmente a perda da experiência, um abandono do corpo ou a idealização de um corpo voltado apenas ao desempenho. São recorrentes os temas como ansiedade, depressão, transtornos mentais-corporais, ou o estímulo constante ao consumo e atenção. Isso tem sido estudado pelo sociólogo sul-coreano Byung-Chul Han (2015, p. 14):

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos. A analítica do poder de Foucault não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. Também aquele conceito da “sociedade de controle” não dá mais conta de explicar aquela mudança.

Notamos que pesquisas nesse sentido são importantes, já que podem contribuir para um encontro com a experiência e com as potencialidades de viver no mundo atualmente. Ao mesmo tempo, nos perguntamos: Como criar modos éticos de pertencer e confluir com as demais existências, seres e contextos? Como a Somática e a Prática como Pesquisa podem contribuir para processos experienciais, criativos e investigativos a partir da primeira pessoa? Quais contribuições esse tipo de abordagem de pesquisa contempla para os pesquisadores na pós-graduação que buscam alguma mudança na vida comum?

São questões que nos movem a seguir mapeando os saberes somáticos em confluência com os outros e o mundo, e permitem as descobertas de outros caminhos a partir da corporalização, da valorização da experiência em primeira pessoa, da integração entre Somática, Dança e Prática como Pesquisa, e do reconhecimento dos desafios epistemológicos frente às pesquisas tradicionais.

## REFERÊNCIAS

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
- CAMPOS, Laura. Uma prática enativa em dança: o ciclo do devir-consciente e o processo de *Embodiment* do *Body-Mind Centering™* (BMC). **REVISTA EIXO**, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 67-76 jan./abr. 2020. Disponível em: <http://revistaixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/823>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Formação inventiva como possibilidade de deslocamento**. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. p. 25-41.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FERNANDES, Ciane; SCIALOM, Melina; PIZARRO, Diego. Somática e prática como pesquisa em dança. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 200-223, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/55319>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- FERNANDES, Ciane. Somática como pesquisa: autonomias criativas em movimento como fonte de processos acadêmicos vivos. In: CUNHA, Carla Sabrina; PIZARRO, Diego; VELLOZO, Marila Annibelli (org.). **Práticas somáticas em dança: Body-Mind Centering™ em criação, pesquisa e performance**. v. 1. Brasília: IFB, 2019. p. 121-137.
- FERNANDES, Ciane. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, Natal, v. 1, n. 2, p. 76-95, 2014. DOI: 10.36025/arj.v1i2.5262. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- PIZARRO, Diego. **Anatomia corpoética em (de)composições: três corpus de práxis somática em dança**. 2020. 446 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32962>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- SCIALOM, Melina. Laboratório de pesquisa: metodologia de pesquisa corporalizada em artes cênicas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 11, n. 4, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/QMSCYcRmDDDH7DS3MY-Z5N3j/?lang=pt>. Acesso em : 26 out.2023.
- SPATZ, Ben. **What a Body Can Do: Technique as Knowledge, Practice as Research**. New York; London: Routledge, 2015.
- VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente corporificada**. Imprensa MIT: ed. revisada, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19079/pr.2017.5.spr>. Acesso em: 09 de ago. 2023.